

NOVA VISÃO SOBRE ARQUITECTURA E URBANISMO PORTUGUÊS E DINAMARQUÊS NA ÍNDIA

- Entrevista de Nuno Grancho a Óscar de Noronha

A NEW PERSPECTIVE ON PORTUGUESE AND DANISH ARCHITECTURE AND URBAN PLANNING IN INDIA

- Interview with Nuno Grancho by Óscar de Noronha

Diu, Tranquebar e Serampore

Óscar de Noronha (ON): *Quando «reafirma» Diu como uma cidade colonial portuguesa — pois «nunca houve um lugar como Diu na história da presença colonial europeia na Índia» — o que é que faz desta cidade um caso de estudo tão excepcional? Acha comparável o caso de Goa ao de Diu?*

Nuno Grancho (NG): Diu é excecional porque não pode ser lida como uma simples réplica da “cidade europeia” transplantada para a Índia. O que encontramos em Diu é uma situação histórica e espacial muito singular: uma soberania estratificada, uma longa duração colonial atravessada por interdependências locais e uma relação muito particular entre arquitectura, urbanismo, representação e poder. É precisamente essa combinação, entre presença portuguesa, proximidade do Islão, agência gujarati, formas católicas e culturas materiais transnacionais, que faz de Diu um laboratório privilegiado para pensar a cidade colonial para além dos modelos binários habituais “ocidental/não ocidental”. É por isso que digo que Diu obriga a rever pressupostos historiográficos muito consolidados.

Quanto a Goa, diria que é comparável apenas parcialmente. Goa é, sem dúvida, o lugar de eleição e de maior relevância para compreender a experiência colonial portuguesa na Índia e a sua cultura material, seja a arquitectura seja o urbanismo (como diria

Diu, Tranquebar and Serampore

Óscar de Noronha (ON): *When you ‘reaffirm’ Diu as a Portuguese colonial city — since ‘there has never been a place like Diu in the history of the European colonial presence in India’ — what is it that makes this city such an exceptional case study? Do you consider the case of Goa comparable to that of Diu?*

Nuno Grancho (NG): *Diu is exceptional because it cannot be read as a simple replica of the ‘European city’ transplanted to India. What we find in Diu is a very unique historical and spatial situation: a stratified sovereignty, a long colonial duration intersected by local interdependencies, and a very particular relationship between architecture, urbanism, representation, and power. It is precisely this combination – of Portuguese presence, proximity to Islam, Gujarati agency, Catholic forms and transnational material cultures – that makes Diu a privileged laboratory for thinking the colonial city beyond the usual ‘Western/non-Western’ binary models. That is why I say that Diu compels us to revisit deeply entrenched historiographical assumptions.*

As for Goa, I would say it is only partially comparable. Goa is, without a doubt, the place par excellence and of greatest relevance for understanding the Portuguese colonial experience

o nosso querido Paulo Varela Gomes). Mas a sua escala, centralidade administrativa e história urbana são muito diferentes das de Diu; por isso, embora haja pontos de contacto, Diu obriga-nos a rever categorias específicas que Goa, pela própria amplitude, tende, por vezes, a estabilizar.

ON: *De que forma a cultura teria moldado as práticas coloniais dos portugueses em Goa, Damão e Diu e as dos dinamarqueses em Tranquebar e Serampore?*

NG: A cultura moldou essas práticas de modo decisivo, porque o colonialismo nunca foi apenas um sistema político ou militar: foi também uma forma de tradução, adaptação e negociação. Em Goa, Damão e Diu, a presença portuguesa articulou-se com tradições locais, materiais, usos sociais e repertórios religiosos que produziram soluções híbridas, nem totalmente europeias nem simplesmente “indígenas”.

No caso colonial dinamarquês, em Tranquebar, no Tamil Nadu, e em Serampore, em Bengala, a escala mais limitada do seu projecto colonial (que nem sequer foi imperial, ao contrário do caso português) e a dependência de mediações locais também geraram formas específicas de negociação cultural, visíveis na arquitectura, nos modos de habitar e nas relações entre o espaço doméstico, a missão, o comércio e a administração.

Em ambos os casos, a cultura não é um pano de fundo: é uma força ativa que condiciona a forma colonial e, ao mesmo tempo, expõe os limites do poder imperial. Em ambas as presenças coloniais, a arquitectura e o urbanismo resultam sempre de contacto, tradução e acomodação, e não apenas de dominação.

A privacidade

ON: *No seu livro A History of Privacy in Danish and Indian Architecture: Urbanism of Colonialism, a ser editado ainda este ano pela Routledge, como aborda o conceito e a prática da privacidade na arquitectura colonial dinamarquesa e portuguesa na Índia?*

in India and its material culture, be it architecture or urbanism (as our dear Paulo Varela Gomes would say). But its scale, administrative centrality, and urban history are very different from those of Diu. Hence, although there are points of contact, Diu compels us to re-examine specific categories which Goa, by virtue of its sheer scale, sometimes tends to solidify.

ON: *In what ways might culture have shaped the colonial practices of the Portuguese in Goa, Daman and Diu, and those of the Danes in Tranquebar and Serampore?*

NG: *Culture shaped these practices decisively, because colonialism was never merely a political or military system: it was also a form of translation, adaptation, and negotiation. In Goa, Daman and Diu, the Portuguese presence interacted with local traditions, material culture, social customs, and religious repertoires, producing hybrid solutions that were neither wholly European nor simply ‘indigenous’.*

In the Danish colonial case, in Tranquebar, Tamil Nadu, and in Serampore, Bengal, the more limited scale of their colonial project (which was not even imperial, unlike the Portuguese case) and their reliance on local mediations also generated specific forms of cultural negotiation, visible in architecture, modes of habitation and the relationships between domestic space, the mission, trade, and administration.

In both cases, culture is not merely a backdrop: it is an active force that shapes the colonial form and, at the same time, exposes the limits of imperial power. In both colonial presences, architecture and urbanism always result from contact, translation and accommodation, and not merely from domination.

Privacy

ON: *In your book A History of Privacy in Danish and Indian Architecture: Urbanism of Colonialism, to be published later this year by Routledge, how do you address the concept and practice of privacy in Danish and Portuguese colonial architecture in India?*

NG: No meu próximo livro *A History of Privacy in Danish and Indian Architecture: Urbanism of Colonialism*, a privacidade é tratada não como uma categoria universal e estável, mas como uma construção histórica, espacial e relacional. Interessame perceber como a arquitetura e o urbanismo produzem privacidade. Isto é, graus de retirada, separação, visibilidade e acesso, e como esses dispositivos variam entre contextos metropolitanos e coloniais em arquitetura e urbanismo.

No caso colonial dinamarquês, analiso sobretudo a forma como a privacidade se articula com a habitação, com a organização do interior doméstico, com a cultura arquitectónica e com a cultura urbana em ambiente colonial, mostrando que a distinção entre público e privado é sempre negociada e nunca puramente formal.

Mesmo quando comparo com o universo português, o meu foco está sempre na lógica dinamarquesa, mas, em ambos os casos, a questão central é a mesma: como é que a arquitetura organiza relações sociais, hierarquias e limites do corpo no espaço?

ON: *De que maneira continuam as histórias coloniais da privacidade a influenciar as concepções contemporâneas de habitação urbana na Índia?*

NG: Essas histórias coloniais da privacidade permanecem presentes porque muitos dos modelos contemporâneos de habitar ainda pressupõem e reproduzem dicotomias herdadas do período colonial: entre família e rua, interior e exterior, intimidade e exposição, segurança e acesso. Tais categorias não desapareceram com a descolonização. Apenas, foram reconfiguradas e continuam a informar o urbanismo, a legislação, o imaginário urbano e o imaginário arquitectónico.

Na Índia contemporânea, isso torna-se visível tanto em soluções voltadas às classes privilegiadas quanto em políticas de ordenamento do território que privilegiam certas formas de domesticidade e marginalizam outras. A história colonial da privacidade ajuda-nos, portanto, a perceber que a habitação não é apenas um problema técnico, mas também uma gramática social e política. O interesse crítico está

NG: *In my upcoming book, *A History of Privacy in Danish and Indian Architecture: Urbanism of Colonialism*, privacy is treated not as a universal and stable category, but as a historical, spatial and relational construct. I am interested in understanding how architecture and urbanism produce privacy. That is, degrees of seclusion, separation, visibility and access, and how these mechanisms vary between metropolitan and colonial contexts in architecture and urbanism.*

In the case of Danish colonialism, I analyse, above all, the way in which privacy relates to housing, to the organisation of the domestic interior, to architectural culture, and to urban culture in a colonial setting, showing that the distinction between public and private is always negotiated and never purely formal.

Even when comparing with the Portuguese context, my focus remains on the Danish logic, but in both cases the central question is the same: how does architecture organise social relations, hierarchies and the boundaries of the body in space?

ON: *In what ways do colonial histories of privacy continue to influence contemporary conceptions of urban housing in India?*

PG: *These colonial narratives of privacy remain present because many contemporary models of habitation still presuppose and reproduce dichotomies inherited from the colonial period: between family and street, interior and exterior, intimacy and exposure, security and access. Such categories did not disappear with decolonisation. Rather, they have been reconfigured and continue to inform urban planning, legislation, the urban imagination, and the architectural imagination.*

In contemporary India, this is evident both in solutions aimed at the privileged classes and in spatial planning policies that favour certain forms of domesticity whilst marginalising others. The colonial history of privacy thus helps us to understand that housing is not merely a technical problem, but also a social and political grammar. The critical interest lies in demonstrating that the

em mostrar que o “privado” urbano moderno tem uma genealogia e que essa genealogia inclui relações coloniais de poder, exclusão e disciplina espacial.

Presença portuguesa

ON: *Como poderia a camada arquitectónica indo-portuguesa de Bombaim dos séculos XVI a XVIII inspirar um planeamento urbano mais sustentável e socialmente resiliente?*

NG: A camada portuguesa de Bombaim mostra que a cidade pode ser pensada como um processo acumulativo, adaptativo e relacional, e não apenas como produto de ruptura. Essa arquitectura ensina-nos o valor da adaptação climática, do uso inteligente de materiais locais, da porosidade espacial e da negociação entre as escalas domésticas, comunitárias e urbanas.

Num tempo em que a sustentabilidade é frequentemente reduzida à tecnologia, a lição mais importante poderá ser outra: a de que a resiliência urbana depende também de sociabilidades densas, de formas de vizinhança e de soluções arquitectónicas capazes de responder a múltiplos contextos. Nesse sentido e parafraseando Rahul Mehrotra, uma grande influência há muito tempo no meu trabalho, Bombaim oferece um repertório histórico útil para pensar um urbanismo menos homogéneo e mais atento à diversidade de usos, ritmos e pertenças.

ON: *Na qualidade de professor visitante na Universidade de Brown, no semestre da primavera de 2027, como pretende abordar o tema «Espaços de contacto: arquitectura, colonialismo e descolonização no mundo de língua portuguesa»?*

NG: Pretendo abordar o tema a partir de uma perspectiva comparativa e descentrada, tomando a arquitectura e o urbanismo como lentes para ler o colonialismo, a pós-colonialidade e a decolonização no mundo lusófono. O curso será estruturado em torno de casos e debates que cruzam Portugal, Brasil, África e Ásia, de modo a mostrar como os espaços de contacto produzem simultaneamente dominação, negociação e resistência.

modern urban ‘private’ has a genealogy, and that this genealogy includes colonial relations of power, exclusion and spatial discipline.

Portuguese presence

ON: *How might the Indo-Portuguese architectural layer of 16th–18th-century Bombay inspire more sustainable and socially resilient urban planning?*

NG: *The Portuguese layer of Bombay shows that the city can be conceived as a cumulative, adaptive, and relational process, rather than merely a product of rupture. This architecture teaches us the value of climate adaptation, the clever use of local materials, spatial porosity, and the negotiation between domestic, community and urban scales.*

At a time when sustainability is often reduced to technology, the most important lesson may be some other: that urban resilience also depends on dense sociabilities, forms of neighbourhood life, and architectural solutions capable of responding to multiple contexts. In this sense, and to paraphrase Rahul Mehrotra, a long-standing major influence on my work, Mumbai offers a useful historical repertoire for thinking about an urbanism that is less homogeneous and more attentive to the diversity of uses, rhythms and affiliations.

ON: *As a visiting professor at Brown University in the spring semester of 2027, how do you intend to address the theme ‘Spaces of contact: architecture, colonialism, and decolonisation in the Portuguese-speaking world’?*

NG: *I intend to approach the topic from a comparative and decentralised perspective, using architecture and urbanism as lenses through which to interpret colonialism, post-colonialism, and decolonisation in the Portuguese speaking world. The course will be structured around case studies and debates spanning Portugal, Brazil, Africa, and Asia, with a view to demonstrating how spaces of contact simultaneously produce domination, negotiation and resistance.*

A ideia é trabalhar a história da arquitetura e do urbanismo não como um campo fechado, mas como um espaço de interrogação sobre raça, migração, género, extração, memória e agência subalterna.

Na Universidade de Brown, quero também estimular os alunos a leituras cruzadas entre arquitetura, história cultural e estudos pós-coloniais, sublinhando que escrever sobre espaço implica sempre escrever sobre poder.

Perda e ganho

ON: *O pensamento decolonial na Índia em geral e em Goa, Damão e Diu em particular não conduzirá afinal à perda do património colonial arquitectónico e urbano? Como equilibrar esses dois aspectos?*

NG: Não creio que o pensamento decolonial implique uma “perda” do património colonial arquitectónico e do património colonial urbano. O que faz é deslocar a pergunta e o foco da análise: em vez de tratar o património colonial arquitectónico e o património colonial urbano como valores intocáveis, convida-nos a perguntar quais memórias preservam, quais violências ocultam e quem beneficia da sua consagração.

Equilibrar estes aspetos significa preservar criticamente, isto é, conservar os objectos, as formas, a arquitectura e as cidades sem tornar naturais e incontestáveis as hierarquias históricas que os produziram.

A verdadeira questão não é entre destruir e manter, mas entre celebrar sem mediação e interpretar com rigor. Uma abordagem decolonial permite, precisamente, proteger o património colonial arquitectónico e o património colonial urbano enquanto o reinscreve numa história mais justa e plural.

ON: *Tendo em conta as complexidades do estudo da Ásia pós-colonial, que conselho daria aos jovens investigadores que desejem seguir uma carreira académica?*

The aim is to approach the history of architecture and urbanism not as a closed field, but as a space for questioning issues of race, migration, gender, extraction, memory, and subaltern agency.

At Brown University, I also wish to encourage students to engage in cross-disciplinary readings between architecture, cultural history and postcolonial studies, emphasising that writing about space always implies writing about power.

Loss and gain

ON: *Will not decolonial thought in India in general, and in Goa, Daman, and Diu in particular, ultimately lead to the loss of colonial architectural and urban heritage? How can these two aspects be balanced?*

NG: *I do not believe that decolonial thought implies a ‘loss’ of colonial architectural and urban heritage. What it does is shift the question and the focus of analysis: rather than treat colonial architectural and urban heritage as untouchable values, it invites us to ask what memories they preserve, what forms of violence they conceal, and who benefits from their enshrinement.*

Striking a balance between these aspects means preserving critically; that is, conserving objects, forms, architecture, and cities without treating the historical hierarchies that produced them as natural and unquestionable.

The real question is not one of destruction versus preservation, but of unmediated celebration versus rigorous interpretation. A decolonial approach allows us, precisely, to protect colonial architectural and urban heritage while re-inscribing it within a fairer and more plural history.

ON: *Given the complexities of the study of postcolonial Asia, what advice would you give to young researchers wishing to pursue an academic career?*

NG: *I would say, first and foremost, that they should develop a solid interdisciplinary foundation:*

NG: Diria, antes de mais, que desenvolvam uma sólida base interdisciplinar: história, teoria, análise de desenho, leitura de fontes, trabalho de arquivo, trabalho de campo no sentido etnográfico e arquitectónico e, sempre que possível, conhecimento das línguas relevantes para o estudo. A investigação sobre a Ásia pós-colonial exige precisão conceptual e sensibilidade histórica, pois os objectos de estudo são quase sempre sobrepostos, contestados e carregados de cargas políticas.

Também aconselharia paciência intelectual e humildade metodológica. É importante evitar explicações demasiado rápidas e categorias demasiado rígidas; muitas vezes, o mais produtivo é aceitar a complexidade e trabalhar com ela.

Por fim, diria que vale a pena escolher temas que realmente exijam tempo, comparação e contraste, e atenção ao detalhe — “o diabo está nos detalhes” — porque é aí que a investigação académica ganha densidade, originalidade e relevância.



history, theory, design analysis, source reading, archival work, fieldwork in the ethnographic and architectural sense, and, wherever possible, knowledge of the languages relevant to the study. Research on postcolonial Asia demands conceptual precision and historical sensitivity, as the objects of study are almost always overlapping, contested and politically charged.

I would also advise intellectual patience and methodological humility. It is important to avoid overly hasty explanations and overly rigid categories; often, the most productive approach is to accept complexity and work with it.

Finally, I would say it is worth choosing topics that really require time, comparison and contrast, and attention to detail — ‘the devil is in the detail’ — because that is where academic research gains depth, originality and relevance.

Sobre o Entrevistado | About the interviewee

Nuno Grancho é arquitecto, investigador, professor e historiador de objectos, edifícios, cidades e paisagens. O seu trabalho analisa como as práticas espaciais de poder e resistência moldam a modernidade e a colonialidade na Ásia do Sul. Para si, são importantes os arranjos espaço-morfológicos na arquitectura e nas cidades que identificam e possibilitam o “privado” como recolhimento e o “público” como engajamento com o mundo.

Desde 2017, é investigador associado no Dinâmia’CET, Instituto Universitário de Lisboa.

Nuno Grancho is an architect, researcher, teacher, and historian of objects, buildings, cities, and landscapes.

His work examines how spatial practices of power and resistance shape the modernity and coloniality of South Asia. Of importance to him are the spatial-morphological arrangements in architecture and cities that identify and enable the “private” as withdrawal and the “public” as engagement with the world.

Since 2017, he has been an Associate Researcher at Dinâmia’CET, University Institute of Lisbon.